

# Tudo num só olhar

Subindo a encosta ao lado da península norte, há um lugar de casas penduradas de frente para a capital. De lá, se abraça com os olhos todo o Plano Piloto em suas diferentes escalas e grandezas

» CONCEIÇÃO FREITAS

Fosse feito um concurso da mais bela vista de Brasília, é quase certo que as janelas dos moradores do Setor de Mansões do Lago Norte estariam entre as finalistas. O bairro fica na encosta de uma sucessão de morros pedregosos, e as casas acomodam-se como numa arquibancada de frente para o Lago Paranoá, o Lago Norte e para toda Brasília. “Abro a janela do quarto e vejo a Esplanada, o Congresso, o Teatro Nacional, a Biblioteca Nacional, todos os prédios do Setor Comercial Sul e Norte, o Banco Central, o Banco do Brasil, vejo a Ponte JK, vejo tudo”, diz a funcionária pública aposentada Maria Augusta Giffon Barros Filha, 54 anos.

E não é apenas do quarto do casal que se vê Brasília por inteiro. Toda a casa foi construída para reverenciar o projeto de Lucio Costa. Os dois quartos, a sala, a cozinha, o deck, tudo se dobra para a paisagem que se desdobra inteira aos olhos de quem mora naquela casa e nas demais da encosta da borda do Lago Norte.

Cearense de Fortaleza, em Brasília há 15 anos, Maria Augusta e o marido, Luiz Fernando, escolheram o terreno por conta da paisagem. Há 13 anos, construíram a casa com projeto inspirado no do restaurante Patú-Anú, casa de alta gastronomia que fica no mesmo Setor de Mansões. Já aposentado, com os três filhos adultos, o casal poderia sair de Brasília se quisesse.

Fotos: Carlos Silva/CB/D.A Press



“Abro a janela do quarto e vejo a Esplanada, o Congresso, o Teatro Nacional, a Biblioteca, todos os prédios do Setor Comercial Sul e Norte, o Banco Central... vejo tudo”



“Mas adoro Brasília, adoro o lugar onde moro. Não tenho nem vontade de sair na rua. O pôr do sol visto daqui é muito lindo. O lago, de manhãzinha, fica cristalino como se fosse um espelho”, descreve Augusta. “Se eu morasse em um apartamento, por exemplo, talvez eu não estivesse mais em Brasília.” A casa atrai a visita de amigos, que sobem a Estrada Parque Paranoá tanto em busca da companhia de Augusta e Luiz quanto, e talvez, fortemente, pela paisagem que de lá se avista.

Como um pescador que não abandona a praia, porque precisa de uma gota de mar para navegar, Augusta está com as raízes fincadas no Setor de Mansões do Lago Norte por conta do oceano de paisagem que se estende até onde o olhar alcança. “Vejo até Taguatinga. Só não vejo a Asa Sul por inteiro, porque os ministérios cobrem a visão.” Toda Brasília cabe na janela de Augusta. Se ela abrir os braços, pode abraçar, de norte a sul, as duas asas, o lago, o corpo do avião. E, se esticar o dedo, pode tocar o céu.

## JANELA DE SOBRADINHO

» ANA PAULA PAIVA

“Seriema fêmea piou duas vezes. Vai chover”, disse um funcionário da granja de Renato Bravo a ele em pleno julho seco de céu limpo em Sobradinho. O interlocutor olhou desacreditado para o roceiro. “Não deu outra: caiu pé d’água à tardinha”, contou o até hoje perplexo rapaz de 24 anos à beira da janela de sua casa que fica no alto da encosta, de onde é possível admirar a vista panorâmica de toda uma cidade-satélite que também foi construída sobre a serra. Sobradinho, inaugurada em 13 de maio de 1960, é margeada pelos altos relevos da Área de Proteção Ambiental (APA) do Cafuringa, de riquezas naturais impressionantes.

“A vista mudou muita coisa. Antes, você via um pedacinho de Sobradinho lá longe e o resto era só mato. Hoje, o horizonte está cheio de casas”, comenta Renato, ao falar sobre a verticalização e a expansão imobiliária da cidade nos últimos 10 anos. Ainda contemplando a paisagem, ele lembra de um fenômeno natural raro que acontece por lá: “Às vezes, de noite, a neblina desce e tampa a cidade inteira e ficam aparecendo só as estrelas. É lindo.”

A Granja Nova Cambuci tem 30 hectares de extensão, segundo Renato, e foi fundada por seus pais há 41 anos. No começo, era usada para plantar hortaliças e para a criação de animais — galinhas caipiras, gado leiteiro e porcos. Ainda na década de 1970, o carioca José Renato e a mineira Carminha vendiam as “cestinhas da roça” de casa em casa para moradores de Sobradinho. Nelas, havia leite, queijo e defumados. Com o tempo, moradores vinham buscar os produtos orgânicos na casa da família. Há mais de 15 anos, o casal criou ao lado da casa um restaurante de comida mineira e goiana. Até hoje o restaurante Trem da Serra conta com a propaganda boca a boca para atrair clientes que querem avistar a bela paisagem do local.

Com a chegada da filha Melissa, há dois anos, Renato assumiu por completo a administração de um lugar idealizado pelo pai, que morreu de problemas cardíacos em 2005. José Renato Bravo era um apoiador da agricultura familiar e do turismo rural na comunidade. “Olhando para esta vista, é claro que me lembro da minha infância, me rasgando todo na cerca de arame farpado, roubando manga dos pés do vizinho. Mas, vendo agora, penso mais no futuro”, medita Renato na varanda da casa, morada que hoje conta com internet, telefone e televisão a cabo, mas cujo acesso ainda é por estrada de terra.

O desejo de Renato Bravo — conta ele, vestido de bermuda de tacet, camiseta e chinelo, bastante à vontade na casa onde cresceu — é manter as raízes do interior nos negócios da família. Estudou parte do ensino fundamental e o ensino médio no Plano Piloto, mas os pais fizeram questão de criar o caçula Renato e mais três irmãos — dois do primeiro casamento de José Renato — andando a cavalo e se embrenhando no mato. Formado em biologia e orgulhoso da origem meio matuta, meio urbana, hoje ele administra a Granja Nova Cambuci e o restaurante Trem da Serra.

“Fiquei feliz por ele ter assumido as coisas por aqui. É bom ter um olhar moderno para tocar o negócio pra frente”, confia a tímida Carminha sobre o amadurecimento do filho. Ele deseja implantar um programa pedagógico para crianças e adolescentes conhecerem a vida rural e também quer tirar do papel outras ideias para expandir o negócio. “As crianças de hoje acham que leite vem é da caixinha. Os moleques só querem saber de videogame, televisão. Não sabem jogar pião, brincar no mato. São crianças de apartamento”, argumenta Renato Bravo. “Nasci aqui, cresci aqui e isso tudo é atrelado à imagem de meu pai. Mas fico pensando no futuro, quero as coisas do meu jeito. Penso em modernizar o espaço, mas sempre morando aqui. Quero criar a minha filha e ter uma família nesta casa.”

A riqueza não está nas ambições do empresário de turismo rural e agricultura orgânica: “Não sou e nem quero ficar rico. Quero é poder colocar a minha filha em uma escola boa e, ao mesmo tempo, mantê-la perto da natureza, dos animais e das plantas.”

